AS NOVAS DIRETRIZES DE AÇÃO DA IGREJA NO BRASIL (2011-2015)

(RESUMO SINTÉTICO)[1]

INTRODUÇÃO

A Igreja no Brasil, fiel a Jesus Cristo, missionário do Pai, acolhendo a voz do Espírito, reafirma a importância de conhecer a realidade e de traçar metas específicas para a ação evangelizadora. Desde o *Plano de Emergência*, a Igreja no Brasil nunca interrompeu o rico processo de planejamento pastoral, elaborando diretrizes e planos (1).

Diretrizes são rumos: indicam caminhos, princípios norteadores e urgências irrenunciáveis. As Igrejas Locais aterrizam as DGAE, através de planos de pastoral, que compreende: estudo e iluminação da realidade à luz da fé, objetivos, critérios de ação e metas específicas, para concretizar o projetado no próprio contexto. Na Igreja Local, precisam de planos de pastoral: paróquias, comunidades, organismos, movimentos leigos, institutos de vida consagrada, etc. A unidade na ação, em âmbito nacional, se dá em torno ao *Objetivo Geral* e às *Urgências na evangelização* (2).

A Igreja no Brasil clama pela superação de uma fé restrita a práticas religiosas fragmentadas, feita de adesões parciais e participação ocasional. As DGAE podem ajudar a superar "o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas, na verdade, a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez" (3).

PARTIR DE JESUS CRISTO

Não há como planejar a ação pastoral, sem antes pararmos e nos colocarmos diante de Jesus Cristo, pois toda ação eclesial se volta para Ele e para o Reino do Pai. Nosso olhar, nosso ser e agir cristão precisam ser reflexos do seguimento de Jesus. É Ele quem nos chamou e vinculou ao Reino de Deus, por Ele instaurado e comunicado (4).

Através de nós, Jesus precisa ir a outros locais para anunciar e estabelecer o Reino, a graça, a justiça e a reconciliação. Ele se preocupa com as ovelhas que não fazem parte do rebanho (5).

---

1 Este texto é um resumo sintético das novas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (DGAE) 2011-2015, aprovadas na 49ª Assembléia dos Bispos do Brasil. Para uma melhor visualização do conteúdo, optou-se por apresentar cada uma das cinco *Urgências na ação evangelizadora* (Capítulo III), seguida de suas respectivas *Perspectivas de Ação* (Capítulo IV). Os números entre parêntesis correspondem aos números (parágrafos) do documento oficial, conservando-se sua forma e linguagem.

Entretanto, seu desejo de salvação não é simplesmente aguardar os que O buscam. É contínuo convite aos discípulos missionários e, por meio deles, a toda a humanidade para segui-lo (7).

A missão, antes de ser um dever, é um dom. À semelhança de Jesus, é sair de si, é ir ao encontro dos outros, sem esperar nada em troca (9). É gratuidade, pois a vida só se ganha na entrega, na doação, superando toda atitude mercantilista. Consequentemente, a missão não tem destinatários, mas *interlocutores*. Só é autêntica em uma relação de *alteridade*, na acolhida das diferenças, no respeito mútuo, no encontro, no diálogo, na partilha, no intercâmbio de vida e na solidariedade (8).

O seguimento de Jesus e a missão só se dão no seio de uma comunidade de fé, na Igreja, novo Povo de Deus. Ali, o discípulo missionário é continuamente conclamado a reunir-se na fraternidade, a acolher a Palavra, a celebrar os sacramentos e sair em missão. No mistério do Deus-comunhão, o discípulo missionário é sempre um irmão entre irmãos. Não há verdadeiro cristão sem Igreja, pois é a Igreja que é missionária e quem envia missionários (13).

MARCAS DE NOSSO TEMPO

Para evangelizar, o discípulo missionário precisa *conhecer a realidade*, perscrutando-a com olhos de fé, em atitude de discernimento (17). Dada a complexidade da realidade, seu conhecimento implica uma evangélica visão crítica, condição para uma ação eclesial assentada em fundamentos sólidos (18).

Característica marcante de nosso tempo são *mudanças profundas*, de caráter global, atingindo tudo e a todos (19). A crise de referenciais de sentido, critérios de juízo, de valores, deixa as pessoas estressadas e desnorteadas. Daí o surgimento, de um lado, do relativismo e, de outro, do fundamentalismo, bem como de um laicismo militante (20).

Há uma mercantilização de todas as relações, incluídas as relações humanas, familiares e sociais, até a própria religião. Há oferta de propostas de felicidade e realização pessoal, em detrimento do bem comum, comprometendo a consciência de cidadania.

Nesta ótica, os pobres são “supérfluos e descartáveis” e sem relevância a preservação da natureza, a solidariedade entre os povos e nações, assim como o direito ao trabalho e salário justo.

No resgate de valores e da ética, é preciso repensar a função do Estado e seu papel na superação da corrupção, do narcotráfico e do tráfico de pessoas e armamentos.

Como pode o cristão não reagir diante da profanação da vida: manipulação de embriões, homicídios, aborto, falta de acesso à educação, saúde, trabalho, moradia, de proteção da família, das crianças e idosos, com jovens sem futuro? (21).

No campo religioso, preocupa o surgimento de práticas religiosas emocionalistas, sentimentalistas e individualistas. Oportunistas manipulam a mensagem do Evangelho, apresentando a salvação de Jesus Cristo como prosperidade material, saúde física e

realização afetiva. Com isso, a prática religiosa é desvinculada do compromisso comunitário e direcionada unicamente para o interesse dos indivíduos (22).

A situação de carência das mínimas condições de vida da grande maioria da população fortalece este tipo de experiência religiosa. Surge uma espécie de culto a si mesmo, em detrimento do amor ao próximo, especialmente aos mais pobres (23).

Em meio a essas transformações, é preciso discernir, na força do Espírito, os novos sinais dos tempos, para que com "novo ardor, novos métodos e novas expressões", respondamos missionariamente à mudança de época, com o recomeçar a partir de Jesus Cristo (24).

URGÊNCIAS NA AÇÃO EVANGELIZADORA E PERSPECTIVAS DE AÇÃO

A mudança da realidade leva, igualmente, a mudar o modo de levar a cabo a ação evangelizadora. Instrumentos e métodos de um determinado tempo, podem se apresentar inadequados em outro tempo (25).

Consciente disso, *Aparecida* nos convocou a uma *conversão pastoral*: a atitudes e iniciativas de auto-avaliação e coragem de mudar várias estruturas pastorais em todos os níveis, serviços, organismos, movimentos e associações, abandonando estruturas ultrapassadas (26).

De nosso novo contexto globalizado, à luz de *Aparecida*, emergem algumas *urgências na evangelização*, que precisam estar presentes em todos os processos de planejamento e planos de pastoral, independentemente do local onde a evangelização aconteça. Assumir estas urgências mostra uma Igreja em comunhão com as conclusões de *Aparecida*, com as demais Igrejas e com a realidade sofrida de nossos povos (28).

A forma de responder a estas urgências depende das necessidades e das condições concretas do contexto de cada Igreja Particular. Entretanto, em um mundo globalizado, a eficacidade da ação e o testemunho de unidade entre as Igrejas exigem uma ação orgânica, em torno a algumas perspectivas comuns de ação (73).

1ª Urgência: Igreja em estado permanente de missão

Diagnóstico

A missão do discípulo deriva do *encontro* com a pessoa de Jesus Cristo (30). Ela consiste em anunciar e estabelecer o Reino de Deus, no encontro com as pessoas, famílias, comunidades e povos.

A Igreja é, essencialmente, missionária. Fechar-se à missão, é fechar-se à ação do Espírito. Jesus Cristo, missionário do Pai, chama e envia discípulos em missão, na força do Espírito (31).

Missão não é proselitismo, concorrência religiosa, competição por maior número de fiéis ou busca de privilégios para a Igreja. Os discípulos missionários sabem que não lhes cabe a exclusividade no estabelecimento do Reino de Deus (32).

O primeiro ato evangelizador é o testemunho de cada batizado, base para a explicitação do anúncio. Na sequência, em atitude de diálogo, cabe anunciar a pessoa e a mensagem de Jesus, conclamando à comunhão toda a humanidade para a busca da cultura da vida, a caminho do Reino definitivo (33).

A missionariedade precisa impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais. Uma verdadeira *conversão pastoral* se faz necessária para passar de uma "pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária" (34).

Perspectivas de ação

Dado que o mensageiro também é mensagem, na missão, o testemunho da comunidade eclesial é condição para o anúncio. Os mensageiros são, antes de tudo, testemunhas daquilo que viram, encontraram e experimentaram. A comunidade reunida no amor e na oração é a atestação mais palpável de que Deus está entre nós (76).

Respaldada pelo testemunho, na sequência apresenta-se a necessidade do anúncio explícito, da pregação do Evangelho, nas mais variadas formas que o ministério da Palavra pode assumir (77).

Na ação pastoral, cabe a cada comunidade eclesial priorizar os grupos humanos ou as categorias sociais que merecem atenção especial. Entre eles estão os que vivem nas periferias das cidades, os jovens, os trabalhadores, os formadores de opinião, etc.

Atenção especial merecem os jovens, através de iniciativas pastorais que garantam a animação e organização da juventude na Igreja. Neste campo, entre os desafios a enfrentar estão o combate à apologia e uso de drogas, a violência e uma atraente proposta vocacional (81).

Na perspectiva de uma evangelização inculturada, o anúncio missionário precisa ter presente *os povos indígenas e os afrobrasileiros* (79)

Testemunhando uma Igreja samaritana, importa ir ao encontro das pessoas, não apenas nas residências, mas também nos ambientes: locais de trabalho, favelas, instituições de saúde, assentamentos, prisões, moradores de rua, etc. A *Pastoral da Visitação* pode dar maior organicidade e eficácia a este serviço (78).

Contradiz a dinâmica do Reino de Deus e uma Igreja em estado permanente de missão, a existência de comunidades eclesiais fechadas sobre si mesmas, sem serviço à sociedade, sem diálogo com as culturas e com as demais Igrejas e religiões (80).

Para uma Igreja missionária, como o testemunho de unidade dos cristãos é fundamental, um grande desafio é o *ecumenismo*. Não feito de manifestações de bons sentimentos, mas de gestos concretos (82).

Na perspectiva do Reino de Deus, outro desafio é o *diálogo inter-religioso*, que precisa integrar a vida e a ação de nossas comunidades eclesiais. Especial atenção merece o diálogo com os judeus e muçulmanos, sem esquecer das expressões religiosas afrodescendentes e indígenas, assim como dos ateus (83).

A uma Igreja toda ela missionária interpela, igualmente, a missão *Ad gentes*, dando "de nossa pobreza". A maturidade eclesial é conseqüência e não apenas condição de abertura missionária (84).

2ª Urgência: Igreja, casa da iniciação à vida cristã

Diagnóstico

"Não se começa a ser cristão por uma decisão ética, mas pelo encontro com um acontecimento, com a pessoa de Jesus Cristo", que é sempre mediado por pessoas de fé, pela ação da Igreja (37).

Em outros tempos, a família, a escola e a sociedade em geral, ao mesmo tempo em que ajudavam a pessoa a se inserir na cultura, também contribuíam para que a mesma se inserisse na comunidade eclesial (38).

Hoje, estas instituições já não cumprem este papel, o que exige uma radical transformação no modo de concretizar a ação evangelizadora. O anúncio de Jesus Cristo não pode ser encarado como algo já dado. Exige por parte da comunidade eclesial um efetivo processo de iniciação dos batizandos e dos batizados à vida cristã (39).

A *iniciação cristã*, entretanto, não se esgota na preparação aos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia (41). É um processo permanente de conversão a Jesus Cristo e sua mensagem, que exige maior familiaridade com a Palavra de Deus e vida em comunidade. No processo de iniciação têm importante papel os "introdutores" e os catequistas. Eles são a ponte entre Jesus e a comunidade dos irmãos (42).

Perspectivas de ação

Diante do grande contingente de católicos não suficientemente evangelizados, a iniciação cristã precisa estar presente em nossas comunidades eclesiais. Trata-se de uma catequese permanente, não limitada à formação doutrinal, mas abarcando a vida cristã como um todo (85).

O processo de iniciação cristã, que leva ao encontro pessoal com Jesus Cristo, se expressa: na oração pessoal, na freqüência à liturgia, na vida comunitária e no compromisso apostólico, mediante o serviço aos demais. As diversas manifestações de religiosidade popular são também lugar de iniciação cristã, que precisam ser valorizadas e, onde necessário, evangelizadas (86).

Numa sociedade massificada, cabe dar grande atenção às pessoas, com atendimento personalizado, estabelecendo diálogo interpessoal e reflexão sobre sua própria experiência de vida (87).

As pessoas, hoje, ciosas de sua autonomia, interpelam uma catequese respeitosa da liberdade dos interlocutores. A pedagogia evangélica consiste na persuasão do interlocutor pelo testemunho de vida e pela argumentação sincera e rigorosa, que estimula a busca da verdade (88).

Na iniciação cristã, o lugar da relação interpessoal é no seio de uma comunidade eclesial. O cristão crê com os outros e naquilo que os outros crêem. As pessoas não buscam em primeiro lugar doutrinas, mas acolhida pessoal e relacionamento fraterno (89).

É parte integrante do processo de iniciação cristã a formação de cristãos adultos. A formação dos leigos e leigas precisa ser uma das prioridades na Igreja Local. O processo de iniciação se torna mais efetivo e frutuoso, quando integrado em um projeto orgânico de formação, que contemple formação básica para todos e formação específica e especializada, sobretudo para aqueles que atuam na sociedade (91).

3ª Urgência: Igreja, lugar de animação bíblica da vida e da pastoral

Diagnóstico

Deus se dá a conhecer no diálogo que estabelece conosco pela sua Palavra (44). Um contato profundo e vivencial com as Escrituras é condição indispensável para encontrar a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo e aderir ao Reino de Deus (46). Daí a importância do contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus, lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo (45).

Infelizmente, a Bíblia nem sempre é tratada como luz para a vida. Muitas vezes é instrumentalizada e usada até mesmo como engodo (47). Não é o discípulo quem indica à Palavra o que ela deve dizer; antes ele é um ouvinte, que a acolhe na gratuidade, deixando-se interpelar por ela (50).

Da mesma forma como no contato com a Palavra, também sua acolhida não se dá isoladamente, mas em comunidade. Neste particular, quanto bem têm feito os Círculos Bíblicos, os Grupos de Reflexão, etc. (51).

Entre os diversos modos de acercamento à Palavra de Deus, tem especial importância a *Leitura Orante* (52), sobretudo na Liturgia, lugar privilegiado onde Deus fala à comunidade (54).

A animação bíblica de toda a pastoral vai além de uma pastoral bíblica, pois conduz a uma animação bíblica de toda a vida cristã (53).

Perspectivas de ação

A vida cristã e todos os serviços eclesiais precisam estar fundamentados na Palavra de Deus e serem por ela iluminados (92). Para isso, estimulem-se as iniciativas que permitam colocar a Bíblia nas mãos de todos, especialmente dos mais pobres. Na sequência, propicie-se os meios para que possam ler corretamente as Escrituras e chegar à interpretação adequada (93).

Como o encontro com a Palavra viva exige a experiência de fé, os cristãos precisam ser devidamente capacitados, tanto no conteúdo quanto na pedagogia da relação com a Bíblia. Trata-se de incrementar a animação bíblica de toda a pastoral, com seus agentes e equipes, indispensáveis para que toda a Igreja seja escola de interpretação, de oração e comunhão, de proclamação da Palavra (93).

Para isso, sejam criadas ou fortalecidas *equipes de animação bíblica da pastoral*, para que elas possam proporcionar retiros, cursos, encontros e subsídios de estudo sobre a Palavra de Deus (94).

Formas privilegiadas de animação bíblica da pastoral são os *grupos de família*, os *círculos bíblicos* e as *pequenas comunidades eclesiais*, em torno à meditação e vivência da Palavra. Merecem destaque, também, os cursos e escolas bíblicas.

Para além dos espaços eclesiais, a Bíblica pode estar presente nas escolas e universidades, sobretudo através da *educação religiosa*. É importante também estimular manifestações artísticas inspiradas nas Escrituras, tanto nas artes figurativas como na arquitetura, na literatura e na música.

Igualmente é necessário fazer-se presente nos meios de comunicação social, especialmente na internet, com suas inúmeras redes sociais (95).

Seja incentivada e reforçada a prática da *Leitura Orante* da Bíblia, particularmente da *Lectio Divina*, em seus quatro momentos: leitura, meditação, oração, contemplação/ação (96)

Na animação bíblica da pastoral, é importante a instituição e formação continuada dos *ministros da Palavra*. Entre eles, está o exercício do múnus do *leitorato*, que necessita não apenas capacitação bíblica e litúrgica, mas também técnica. Especial atenção merece a *homilia*, espaço privilegiado de atualização da Palavra no hoje da assembléia (97).

4ª Urgência: Igreja, comunidade de comunidades

Diagnóstico

A fé cristã é eclesial, comunitária, pois se funda no mistério da Trindade e na utopia do Reino de Deus, que é uma realidade coletiva. Por sua vez, a forma de viver em comunidade está sujeita às condições de cada tempo e lugar. Hoje, além de comunidades territoriais (entre vizinhos), surgem comunidades ambientais ou afetivas, por eleição (56).

Entretanto, mais importante que o modo de ser comunidade, é o imperativo da Igreja ser uma rede de comunidades, inclusive a Paróquia (58), pois, a vivência cristã em comunidade implica convívio, vínculos profundos, afeto, buscas comuns, solidariedade (59).

Neste particular, as CEBs, hoje, são sinal de vitalidade da Igreja, presença eclesial junto aos mais pobres, comprometida com uma sociedade justa e solidária. Mas, no contexto atual, também elas precisam se repensar (60).

O essencial é que as pequenas comunidades estejam alicerçadas na Palavra de Deus, celebrem e vivam os sacramentos, manifestem seu compromisso missionário, principalmente com os afastados, e sejam solidárias com os mais pobres (61).

Para que a Paróquia se torne verdadeiramente uma comunidade de comunidades, é indispensável sua setorização em unidades menores (62).

Para comunidades vivas e missionárias, é importante a multiplicação e diversificação de ministérios confiados aos leigos. Estes precisam ter uma afetiva participação nos processos de planejamento e tomada de decisões (63).

Perspectivas de ação

A variedade de vocações, carismas, espiritualidades e movimentos na Igreja é uma riqueza, mas por vezes, motivo de competição, rejeição ou discriminação. Grande desafio, portanto, é a vivência da *unidade na diversidade*. No interior da comunidade eclesial, o *diálogo* é o caminho para uma boa convivência e o aprofundamento da comunhão (98).

A paróquia, para a maioria dos fiéis, o único espaço de inserção na Igreja, precisa ser cada vez mais comunidade de comunidades vivas e dinâmicas (99). Para isso, precisa de renovação e reformulação de suas estruturas (100), especialmente sua setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e de coordenação, que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região (101).

As CEBs se destacam como forma privilegiada de vivência comunitária da fé, inseridas no seio da sociedade, em perspectiva profética. Medellín reconhece nelas a "célula inicial da estruturação eclesial e foco de evangelização" (102).

Urge investir na descentralização da matriz e do padre, tanto em relação aos serviços como aos ministérios. É preciso abrir mais espaço de participação aos leigos e lhes confiar ministérios.

Para uma Igreja comunidade de comunidades, é fundamental a formação e funcionamento de *assembléias e conselhos de pastoral*, assim como de *comissões* e *equipes* de coordenação.

Os leigos, para que sejam sujeitos co-responsáveis, precisam ter presença efetiva no planejamento, na execução e na avaliação de tudo o que a comunidade eclesial vive e faz.

A *pastoral orgânica e de conjunto* é o meio para a articulação de todas as ações e iniciativas, no seio da comunidade eclesial. Para isso, instrumento privilegiado é o planejamento, com a participação de todos os membros da comunidade eclesial na projeção da ação e de sua execução (104).

A exemplo das primeiras comunidades cristãs, a efetivação de uma Igreja comunidade de comunidades manifesta-se, também, na experiência de *Igrejas-irmãs*, seja entre Dioceses como entre paróquias, dentro e fora da respectiva diocese (105).

5ª Urgência: Igreja a serviço da vida plena para todos

Diagnóstico

O Evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus. Consequentemente, a missão dos discípulos missionários é o serviço à vida plena (65).

Como afirmou *Aparecida,* "as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto do Pai e desafiam os discípulos missionários a maior compromisso a favor da cultura da vida" (66). É através da promoção da cultura da vida que os discípulos missionários de Jesus Cristo testemunham verdadeiramente sua fé (68).

Em consequência, urge uma Igreja samaritana e profética diante de tantos rostos sofredores, da legalização do aborto, dos famintos, sem teto e sem terra, sem trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé. Daí a importância de ratificar e potenciar a *opção preferencial pelos pobres*, implícita na fé cristológica. A opção pelos pobres precisa "atravessar todas as estruturas e prioridades pastorais, e traduzir-se em opções e gestos concretos" (69).

Opção pelos pobres não é fazer deles um objeto de caridade, mas *sujeitos* de um mundo justo e fraterno. Para isso, a atuação no mundo da política é indispensável (71).

No cuidado e promoção da vida, está a preocupação com a *ecologia*, num planeta degradado, ameaça à viabilidade da vida humana e de seus ecossistemas (70).

Perspectivas de ação

A missão primordial da Igreja de defender, cuidar e promover a vida em todas as suas expressões e da natureza como sua casa, tem na *Pastoral Social* - estruturada, orgânica e integral – a forma atual de eficacidade de sua ação no social (106).

O serviço à vida começa pelo respeito e a defesa da *dignidade humana*, em todas as etapas da existência, desde a fecundação até a morte natural (107).

Um olhar especial merece a *família*, lugar e escola de fé, que precisa ser considerada um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora. Precisa estar respaldada por uma pastoral familiar intensa, vigorosa e frutuosa (108).

As crianças, adolescentes e jovens, os mais expostos a perigos e desleixos, precisam de maior atenção por parte das comunidades eclesiais. A pastoral da juventude e uma pastoral infanto-juvenil podem dar importante contribuição (109).

Faz-se necessário uma presença mais efetiva da Igreja no *mundo do trabalho*, junto aos trabalhadores, em seus sindicatos e associações de classe e lazer. Cabe associar-se à luta contra o desemprego e o subemprego, criando ou apoiando alternativas de geração de renda, assim como a economia solidária, a agricultura familiar, a agroecologia, o consumo solidário, a segurança alimentar, as redes de trocas, o aceso a crédito popular, trabalho coletivo e busca do desenvolvimento local sustentável e solidário (110).

Atenção especial merecem os *migrantes*, forçados pela busca de trabalho e moradia. É urgente a criação de estruturas nacionais e diocesanas, destinadas tanto a acompanhar os migrantes, como a atuar junto a organismos da sociedade civil, para que os governos

tenham uma política migratória que leve em conta os direitos das pessoas em mobilidade (111).

No serviço à vida, cabe promover uma sociedade que respeite as legítimas diferenças, combatendo o preconceito e a discriminação nas mais diversas esferas, mas sempre vigilantes a evitar a afirmação exasperada dos interesses individuais e subjetivos (112).

Na promoção e defesa da vida, cabe aos cristãos apoiar as iniciativas em prol da *inclusão social* e o reconhecimento das *populações indígenas e africana*. É preciso denunciar toda prática de discriminação e racismo e apoiar as reivindicações pela defesa de seus territórios, na afirmação de seus direitos, cidadania, projetos próprios de desenvolvimento e vivência, segundo suas próprias culturas (113).

Importante campo de ação da Igreja é educar para a *preservação da natureza* e o cuidado com a ecologia humana, através de atitudes que respeitem a biodiversidade e de ações que zelem pelo meio ambiente (114).

Incentive-se, cada vez mais, a *participação social e política* dos cristãos, especialmente nos Conselhos de Direitos. Com a crise da democracia representativa, cresce a importância e a necessidade de colaboração da Igreja no fortalecimento da sociedade civil (115).

Como cidadãos-cristãos, cabe empenharmo-nos na busca de *políticas públicas inclusivas* de todos, em parceria com outras instituições privadas ou públicas, ou com os movimentos populares. Neste particular, merecem especial atenção as regiões suburbanas e a população carcerária (116).

Tarefa mais arrojada é a formação de pessoas que estão em *níveis de decisão* ou espaços que exigem uma presença mais qualificada por parte da Igreja, como o mundo universitário (pastoral universitária), das comunicações (pastoral da comunicação), presença junto aos empresários, aos políticos, aos formadores de opinião, dirigentes de entidades, etc. (117).

O empenho da Igreja na promoção humana e da justiça social exige educar a comunidade eclesial como um todo no conhecimento e na aplicação da *Doutrina Social da Igreja.* É condição para os cristãos tornarem-se verdadeiros missionários da caridade, no seio da sociedade secular (120).

INDICAÇÕES DE OPERACIONALIZAÇÃO

Para uma ação evangelizadora eficaz, não basta definir diretrizes. É preciso chegar a "indicações programáticas concretas", através da elaboração de planos de pastoral (121). Como lembra Puebla, "a ação pastoral planejada é a resposta específica, consciente e intencional, às necessidades da evangelização" (122).

O plano como fruto de um processo de planejamento

Planejar é *pensar a ação* antes, durante e depois dela. Por isso, um bom plano é sempre fruto de um processo de planejamento, com a participação direta ou representativa de toda a comunidade eclesial (123).

Todo processo precisa ser preparado, começando pela sensibilização da comunidade eclesial sobre a importância da participação de todos. Na sequência, para que a comunidade seja sujeito, está a necessidade da constituição dos organismos de discernimento e tomada de decisões, como a Assembléia, o Conselho de Pastoral, as Comissões e Equipes de Coordenação (124).

A preparação do processo implica, também, a definição conjunta dos passos metodológicos, que devem levar em conta o estatuto da ação (125).

Passos metodológicos

Primeiro passo: onde estamos (marco da realidade)

O melhor ponto de partida é sempre aquele onde a gente está. Trata-se de colocar os pés no chão. Se ignorarmos a realidade, não evangelizamos. As boas respostas pastorais dependem da identificação das verdadeiras necessidades de evangelização.

No *âmbito da sociedade*, é importante conhecer a situação cultural, econômica, política e ecológica. No *âmbito religioso*, é preciso ter dados da situação da experiência religiosa e da caminhada da comunidade eclesial (127). Nas atuais DGAE, o marco da realidade está em "marcas de nosso tempo" (17-24).

Segundo passo: onde precisamos estar (marco doutrinal)

Na ação evangelizadora, o ponto de chegada está em olhar para o horizonte do Evangelho do Reino de Deus, inaugurado e mostrado por Jesus (128). De acordo com a tradição recente das DGAE, a vida e a missão do discípulo missionário consiste no exercício de tríplice múnus, recebido no batismo: *Ministério da Palavra, Ministério da Liturgia, Ministério da Caridade* (129).

A vivência do tríplice múnus se dá *no âmbito da pessoa, no âmbito da comunidade e no âmbito da sociedade*. Eles constituem tanto o espaço como as realidades em que o Evangelho precisa ser encarnado. Pessoas evangelizadas, ao se fazerem dom, transbordam na comunidade eclesial que, por sua vez, existe para o serviço de Deus na sociedade (130). Nas atuais DGAE, o marco doutrinal está em "partir de Jesus Cristo" (4-16) e em "indicações de operacionalização" (128-130).

Terceiro passo: urgências pastorais (diagnóstico pastoral)

Do confronto da realidade com o horizonte da fé cristã, derivam *urgências pastorais*. As atuais DGAE indicam cinco, que conformam um curso de ação: para uma Igreja em estado permanente de missão, é preciso que a comunidade eclesial seja casa de um processo de iniciação cristã, alicerçado sobre a Palavra de Deus, que leva a uma Igreja comunidade de comunidades, a serviço da vida plena pra todos. Cabe a cada Igreja Local averiguar se seu próprio contexto exige somar alguma outra urgência a estas cinco,

propostas em nível nacional (131). Nas atuais DGAE, o diagnóstico pastoral está em "urgências na ação evangelizadora" (25-72).

Quarto passo: o que queremos alcançar (prognóstico pastoral)

Os resultados almejados estão registrados nos objetivos: *geral e específicos*. Para uma maior comunhão entre as Igrejas Locais, as atuais DGAE propõem o Objetivo Geral: *Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida (Jo 10,10), rumo ao Reino definitivo.* À luz dele, cada Igreja Local procurará elaborar seus próprios objetivos específicos, dentro do plano pastoral (132).

Quinto passo: como vamos agir (critérios de ação)

Tanto a unidade eclesial quanto a eficácia na obra evangelizadora, exigem critérios comuns de ação. Historicamente, à luz do Vaticano II, as DGAE assumiram seis dimensões da ação pastoral: dimensão comunitário-participativa, dimensão missionária, dimensão bíblico-catequética, dimensão litúrgica, dimensão ecumênica e do diálogo inter-religioso, dimensão sócio-transformadora (133). Nos últimos tempos, inspiradas na *Evangelii Nuntiandi*, as Diretrizes sugeriram *as quatro exigências* de um processo de evangelização: serviço, diálogo, anúncio e testemunho da comunhão. São dois critérios, praticamente equivalentes (134). Nas atuais DGAE, os critérios de ação estão em "indicações de operacionalização" (133-135).

Sexto passo: o que vamos fazer (programação)

Trata-se da intervenção na realidade apreendida à luz da fé, buscando responder às *urgências pastorais*, segundo os *objetivos* e *critérios de ação* estabelecidos. É o momento da *programação*. As atuais DGAE oferecem perspectivas de ação para cada uma das urgências na ação evangelizadora. À luz das pistas indicadas, cabe a cada Igreja Local definir sua própria *Programação*, organizada em *Programas* (conjunto de ações afins) e *Projetos* (metas) (136).

Sétimo passo: a renovação das estruturas (marco organizacional)

Mudadas as ações, é preciso igualmente mudar as estruturas que lhe dão suporte (137). A comunidade eclesial necessita pensar aqueles *organismos de articulação* da ação (assembleias, conselhos), *mecanismos de coordenação* (equipes de coordenação de âmbitos eclesiais e de serviços específicos) e *primeiros responsáveis* (Bispo, pároco, coordenadores), discriminando suas respectivas funções.

Entre as estruturas que precisam ser renovadas está a *paróquia*, através de sua setorização em unidades menores, tendo à frente uma equipe de coordenação integrada por leigos e leigas e, dentro destes setores, a criação de comunidades de famílias (138).

CONCLUSÃO: COMPROMISSO DE UNIDADE NA MISSÃO

As atuais DGAE apontam para o compromisso evangelizador da Igreja no Brasil para o início da segunda década do século XXI. Manifestam, através das cinco *urgências*, o

caminho discernido, à luz do Espírito Santo, como resposta a este tempo de profundas transformações. Em continuidade com as orientações de toda a Igreja, elas assumem o mais profundo espírito do Concílio Vaticano II e acolhem, de modo especial, as Conclusões da Conferência de Aparecida (139).

Elas representam um forte apelo à efetiva unidade. Assim, a Igreja no Brasil tornar-se-á, cada dia mais, imagem do Deus-Trindade, sinal escatológico do Reino definitivo, quando Cristo será tudo em todos no amor (140).

Agenor Brighenti